



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ - UNIFESSPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – ICH
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO - FECAMPO
CAMPUS DE MARABÁ**

ELIENE BENTES DE SOUZA RIBEIRO

***GÊNEROS TEXTUAIS E OS SABERES DAS ERVAS MEDICINAIS: UMA
EXPERIÊNCIA NA COMUNIDADE BOA ESPERANÇA DO BURGO***

**Marabá Pará
2019**

ELIENE BENTES DE SOUZA RIBEIRO

***GÊNEROS TEXTUAIS E OS SABERES DAS ERVAS MEDICINAIS: UMA
EXPERIÊNCIA NA COMUNIDADE BOA ESPERANÇA DO BURGO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado,
como requisito final para a obtenção de graduação,
ao Instituto de Ciência Humanas (ICH) da
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
(UNIFESSPA).

Orientadora: Prof^ª. Dra. Edimara Ferreira Santos

Marabá Pará
2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Setorial Josineide da Silva Tavares

Ribeiro, Eliene Bentes de Souza

Gêneros textuais e os saberes das ervas medicinais: uma experiência na comunidade Boa Esperança do Burgo / Eliene Bentes de Souza Ribeiro ; orientadora, Edimara Ferreira Santos. — Marabá : [s. n.], 2019.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Educação do Campo, Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Marabá, 2019.

1. Ervas - Uso terapêutico - Manuais, guias, etc. 2. Plantas medicinais. 3. Conhecimento tradicional associado. 4. Ervas - Estudo e ensino. 5. Aprendizagem. I. Santos, Edimara Ferreira, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 615.5

ELIENE BENTES DE SOUZA RIBEIRO

***GÊNEROS TEXTUAIS E OS SABERES DAS ERVAS MEDICINAIS: UMA
EXPERIÊNCIA NA COMUNIDADE BOA ESPERANÇA DO BURGO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado, como requisito final para a obtenção de graduação em Educação do Campo – Áreas de Letras e Linguagens, ao Instituto de Ciências Humanas (ICH) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

Defesa no dia 17 de julho de 2019

Orientadora:

Prof.^a Dra. Edimara Ferreira Santos.
Faculdade de Educação do Campo – UNIFESSPA

Banca Examinadora:

Prof.^a Ma. Maria Célia Vieira da Silva.
Faculdade de Educação do Campo – UNIFESSPA

Prof.^a Dra. Maria Neuza da Silva Oliveira
Faculdade de Educação do Campo – UNIFESSPA

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho:

Aos meus filhos, Maria Clara e Luís Miguel, eles que me impulsionaram mesmo inconscientemente a fechar este ciclo de minha vida.

Aos meus pais, Maria das Neves e Ernandes Bentes, os quais sempre me ensinaram a amar e respeitar o próximo independente de raça, cor, orientação sexual ou religião. A eles devo tudo que sei e sou.

Ao meu esposo, Mizael Ribeiro dos Santos, a quem sempre estive do meu lado desde o início desta jornada.

Aos meus irmãos a quem sempre me incentivaram e ajudaram direta ou indiretamente.

À equipe de bolsista do PIBID- Diversidade Lediane Santos e a Yank Torres.

Aos alunos e pais que participaram e colaboraram com esta pesquisa.

À minha orientadora, Edimara Ferreira Santos, a qual acreditou na realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

À Deus pela vida e pela a oportunidade da realização de um sonho.

A todos os moradores da comunidade Boa Esperança do Burgo, a qual fui muito bem recebida. Agradeço por me ensinaram sobre suas culturas e saberes.

Agradeço à comunidade escolar, bem como os alunos do 5º e 6º do ano, de 2014, da escola Boa Esperança do Burgo. Importantes sujeitos na construção deste trabalho. Foi muito gratificante aprender com vocês!

Agradeço a Lediania Santos e a Yank Torres, meus companheiros na construção e execução do projeto que deu origem ao tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Aos professores do Curso de Educação do Campo. Obrigada por fazerem parte desta jornada, pelo estímulo e dedicação em compartilhar seus conhecimentos, assim como a minha orientadora, Edimara Ferreira Santos, a qual acreditou na realização deste trabalho enxergando em mim capacidade quando nem eu mesma acreditava ter.

À turma de Educação do Campo de 2011, pelo companheirismo em todos esses anos de estrada.

RESUMO

Este trabalho de conclusão do curso tem como pergunta norteadora: como o gênero textual receita pode realizar a interseção entre os saberes escolares e os saberes locais a partir dos conhecimentos dos educandos sobre ervas medicinais da comunidade Boa Esperança do Burgo? Para a realização deste trabalho, foi utilizado como metodologia de pesquisa a observação participante, a entrevista semiestruturadas e a pesquisa documental. O presente estudo teve como objetivo central conhecer diferentes ervas medicinais a partir da relação entre os saberes escolares e os saberes locais através do gênero textual receita. Para isso, mobilizamos alguns referenciais teóricos como (FREIRE 1987), (GERALDI 1991), (ANTUNES 2002), (BRANDÃO 2003), (BAZERMAN 2005), entre outros. Assim, tal trabalho apresentou algumas estratégias e atividades que foram desenvolvidas no decorrer do desenvolvimento do projeto intitulado “Caderno de Receitas das ervas medicinais da comunidade Boa Esperança do Burgo” no intuito de construir a valorização e a inserção dos saberes locais no espaço escolar.

Palavras-chave: Boa Esperança do Burgo; saberes locais e saberes escolares; gênero textual; plantas medicinais.

LISTAGEM DE ILUSTRAÇÕES

Foto 01: Reunião dos agricultores na sede da AABEB	09
Foto 02: localização do município de marabá	14
Foto 03: localização da vila Boa Esperança do Burgo.....	14
Foto 04: Barracão da AABEB, onde também era usado como sala de aula.....	16
Foto 05: A escola Boa Esperança do Burgo construída em 2003.....	17
Foto 06: Turma jardim I e II.....	18
Foto 07: Noite do sarau literário	20
Foto 08: Venda de comida na festa junina	21
Foto 09: Livros levados para pesquisa em sala de aula.....	33
Foto 10: Alunos assistindo o documentário	35
Foto 11: Aula de campo	36
Foto 12: Armazenagem das ervas	36
Foto 13: Higienização das ervas	38
Foto 14: Início da preparação do lambedor.....	38
Foto 15: Devolutiva do projeto.....	39
Quadro 01: Organização da escola	17
Quadro 02: Disposição dos sujeitos que participaram do projeto	29
Quadro 03: Água de alho	31
Quadro 04: Chá de alho.....	31
Quadro 05: Listagem das ervas citadas pelos alunos	32
Quadro 06: Receita modelo.....	34
Quadro 07: Receita de chá de gengibre.....	37
Quadro 08: Quadro síntese	40

SUMÁRIO

Introdução	09
1.Boa Esperança do Burgo: O lugar da pesquisa.....	11
1.1 Associação dos agricultores da comunidade Boa Esperança do Burgo	13
1.2 Acampamento para assentamento	14
1.3 A criação da escola Boa Esperança do Burgo.....	15
1.4 Relação escola/comunidade e comunidade/escola	19
2.Gênero textual e o projeto caderno de receitas das ervas medicinais da comunidade Boa Esperança do Burgo.....	23
2.1 Considerações gerais sobre gênero textual	23
2.2 O projeto caderno de receita das ervas medicinais da comunidade Boa Esperança do Burgo	26
2.2.1 Execução do projeto: análise do processo e dos resultados	30
Conclusão	42
Referências	43
Anexos	

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado da pesquisa desenvolvida no decorrer do curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará UNIFESSPA – Campus Marabá. A pesquisa foi realizada na comunidade Boa Esperança do Burgo, localizada na Rodovia Transamazônica, no km 21, saindo de Marabá sentido à cidade de Itupiranga.

A pesquisa deu-se através do desenvolvimento do projeto intitulado “Caderno de receita das ervas medicinais da comunidade Boa Esperança do Burgo”. O desenvolvimento de tal pesquisa foi na Escola Municipal de Ensino Fundamental Boa Esperança do Burgo, no ano de 2014.

A escolha da comunidade para o desenvolvimento do projeto se deu a partir da minha inserção como bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à docência-Diversidade (PIBID) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, no ano de 2014. A comunidade era o local onde realizava as minhas atividades como bolsista. Quanto ao tema, somente foi possível chegar a ele a partir da aproximação tanto da escola quanto da comunidade. Éramos uma equipe de três pessoas: Eliene Bentes, Leidiane dos Santos Silva, Yankes Torres. A nossa função dentro do projeto era proporcionar para a comunidade ações e atividades que contribuíssem/reforçassem à relação dos sujeitos da comunidade com a escola. É importante ressaltar que o desenvolvimento deste projeto, também faz parte do meu 5º tempo espaço-localidade, dando continuidade a II etapa do estágio docência, o qual tem como finalidade a construção de uma intervenção pedagógica¹.

Este projeto teve como objetivo central identificar as práticas da medicina alternativa existente na comunidade Boa Esperança do Burgo pelo o viés do gênero textual receita, no intuito de estabelecer a interseção dos saberes escolares com os saberes locais. Além disso, foi necessário fazer com que os sujeitos reconhecessem seus conhecimentos sobre o uso das ervas e a permanência delas nas práticas curativas.

¹ O curso Educação do Campo tem como princípio educativo a Pedagogia da Alternância, em que ela se realizada na dinâmica do Tempo Universidade e do Tempo Comunidade. No que diz respeito ao Tempo Comunidade, a sua organização se constrói da seguinte forma: TC I, consiste a caracterização da comunidade; TC II, pesquisa sobre educação escolar e não escolar; TC III, proposta de observação no ensino fundamental; TC IV, intervenção pedagógica na escola da comunidade; TC IV, estágio de observação I; TC V, estágio docência II; TC VI; estágio observação III; TC VII; estágio de docência IV.

A partir do desenvolvimento do projeto intitulado “Caderno de receitas das ervas medicinais da comunidade Boa Esperança do Burgo”, surgiu a seguinte questão norteadora: como o gênero textual receita pode realizar a interseção entre os saberes escolares e os saberes locais a partir dos conhecimentos dos educandos sobre ervas medicinais na comunidade Boa Esperança do Burgo? Assim, construímos e organizamos os capítulos do Trabalho de Conclusão de Curso da seguinte forma: no primeiro capítulo, apresentamos a construção do histórico da comunidade Boa Esperança do Burgo, baseados em entrevista com os primeiros moradores, pesquisa documental e fotos, seguida da caracterização da Escola Boa Esperança do Burgo. O segundo capítulo refere-se à construção de algumas considerações sobre gêneros textuais, bem como a explanação do desenvolvimento do projeto “Caderno de receitas das ervas medicinais da comunidade Boa Esperança do Burgo” e análise dos resultados e das atividades do referido projeto.

Neste contexto procuramos compreender como o gênero “receita” pode contribuir para no ensino aprendido, valorizando os saberes locais, formando sujeitos capazes de se identificar como detentores de saberes dentro e fora do espaço escolar.

1. BOA ESPERANÇA DO BURGO: O LUGAR DA PESQUISA

No ano de 2014, quando me tornei bolsista do Programa Institucional de bolsa de Iniciação à docência e diversidade (PIBID), mudei meu local de pesquisa, vindo da comunidade de vila santa fé zona rural deste município, situada nas margens da estrada Rio Preto, passei a desenvolver os trabalhos como bolsista e os estágios obrigatórios do curso na comunidade Boa Esperança do Burgo, pois seria inviável ter duas comunidades para pesquisar e desenvolver as atividades tanto pelo tempo quanto pela distância entre elas..

O novo polo da pesquisa foi a comunidade Boa Esperança do Burgo. Uma equipe de três alunos, sendo que eu era a única que não vivia na comunidade ou em suas proximidades. Éramos das áreas de LLA (Linguagens Letras e Artes) e da CHS (Ciências Humanas e Sociais) do curso de Licenciatura em Educação do Campo, mas tínhamos algo em comum: o desejo e a vontade de aprender e conhecer sobre esta comunidade e de nos aperfeiçoarmos como docentes.

A pesquisa foi realizada na Escola Boa Esperança do Burgo numa turma multisseriada do 6º ao 7º ano, do ensino fundamental, no turno da manhã, o professor regente se dispôs a participar e envolver seus alunos em nosso projeto, totalizando 21 alunos, participante durante os meses de maio a junho de 2014.

O projeto contemplou inúmeras atividades: roda de conversas, aula práticas, aula de campo, escrita e rescrita de texto do gênero textual receita, visita a horto de plantas medicinais, trabalho de pesquisa em grupo.

Adotamos a metodologia da pesquisa participante que é uma das técnicas usada como bastante frequência na pesquisa qualitativa, nesta técnica o pesquisador se insere-se num grupo e torna-se integrante do mesmo, no qual irá interagir por um período de tempo, no cotidiano das pessoas, visando a observação dos fenômenos considerados significativos para o seu estudo.

A luta pela terra e os conflitos agrários a muitas décadas está presente no Norte do Brasil, a década de 80 e 90 foram marcadas pelas tensões sociais causadas pela concentração injusta de terras, e pela omissão do governo. Segundo dados do caderno de formação nº 32 “O massacre de Eldorado dos Carajás” (1999) P.10 estas décadas foram em que houve

um elevando número de assassinatos, massacre e chacina de trabalhadores rurais em nossa região:

Os dados indicam que de 1979 a 1998 aproximadamente 1.474 trabalhadores rurais foram assassinados, desde casos 50 foram levados a julgamento e apenas 7 destes julgamentos houve a condenação dos responsáveis. Aproximadamente 15% das mortes ocorrem em situações classificadas como massacre ou chacina.

Os líderes dos camponeses, sindicalistas, padres e religiosos eram os alvos das práticas de pistolagem e de perseguição que resultava em homicídios.

No dia 17 de abril de 1996 ocorreu o massacre que resultou na morte de 19 trabalhadores na cidade de Eldorado dos Carajás, os trabalhadores foram encurralados pela polícia que estava autorizada a matar as lideranças do movimento e todos que se opusesse a sua frente, o ocorrido teve repercussão internacional, muitos jornais noticiaram este bárbaro acontecimento. Devido a pressão internacional os fazendeiros tiveram que recuar, suas investidas contra os movimentos sociais.

Em meio a este cenário de conflitos e tensões no ano de 1997 um grupo de agricultores de mais de 100 pessoas ocupou a fazenda às margens da rodovia transamazônica na altura do km 21 saindo de Marabá sentido a cidade de Itupiranga.

Todo lugar tem sua história, personagens e cenários, na comunidade Boa Esperança do Burgo não foi diferente. A história que os primeiros assentados contam e precisam ser lembrada, refletida e registrada para que não se perca com o passar do tempo e para que as futuras gerações possam dar importância para a história do seu lugar. Da mesma forma, recuperar a memória coletiva de um grupo levando-os a repensarem suas trajetórias e se veem com sujeitos participantes ou frutos de uma geração que foi a luta por direitos e cidadania.

Contam os pioneiros do assentamento que quando o grupo de homens chegou à sede da fazenda somente o vaqueiro se encontrava no local e ele não reagiu de forma alguma a ocupação, acredita-se que o dono da fazenda não lutou judicialmente contra os acampados porque não tinha nada que comprovasse a legitimidade da compra daquelas terras.

Aquele grupo de pessoas estava unido pelo desejo de ter um pedaço de terra para dali tirar seu sustento e começar uma nova vida, como nos lembra Celso Neto, morador antigo da comunidade:

Cheguei na comunidade Boa Esperança do Burgo no final do ano de 1997, na época em que um grupo de pessoas lutavam para conseguir um lote de terra da reforma agrária essa época eu ainda não era casado e dividia o meu tempo entre a cidade e o campo. Casei em 2000, e por volta de 2003 mudei definitivamente para cá, onde estou até o momento (NETO, Celso José Modesto, entrevista concedida no dia 22 de outubro de 2016).

A comunidade Boa Esperança do Burgo, tem sido palco para a construção de vidas e sonhos de seus habitantes, sujeitos estes que acabam por construir ideais de uma vida no Campo.

1.1A Associação dos agricultores da comunidade Boa Esperança do Burgo.

Em 1997 foi criada a Associação dos Agricultores do PA Boa Esperança do Burgo (A.A.B.E.B.) a sede era um barracão construído pelos próprios agricultores, lugar onde aconteciam todas as reuniões.

Foto 1 Reunião dos agricultores na sede da associação AABEB



Fonte: AABEB, 1998.

Segundo o estatuto da associação, no artigo 6º, apresenta que o nascimento desta associação foi com o objetivo de organizar a união de famílias de agricultores, no intuito de defender os seus direitos por meio de debates políticos para garantir seus direitos e o desenvolvimento rural.

São objetivos específicos da associação: a) debate e encaminha as demandas coletivas dos agricultores e agricultoras familiares filiados (as) no que se refere as proposta de infra-estruturas, educação, saúde, lazer, credito, acompanhamento técnico, organização, beneficiamento e comercialização da produção; b) fortalecer a representatividade da associação através de sua filiação no Sindicato de trabalhadores Rurais para representar frente a sociedade e o poder público local proposições de desenvolvimento para o meio rural; c) Defender e preservar o meio ambiente na área de sua circunscrição e em outras áreas em conjuntos com outras entidades (regimento da associação Boa Esperança do Burgo)

Conforme vimos na citação acima, percebemos que os objetivos da AABEB visam zelar pelo ser humano e se preocupam com o bem estar coletivo. Além disso, a instituição promoveu passeatas pelas ruas da cidade de Marabá e acamparam na seda do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) do município: “tudo isso de forma organizada pelo Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR) de Itupiranga,

pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura (FETAGRI) e pela AABEB” (NETO, 2011).

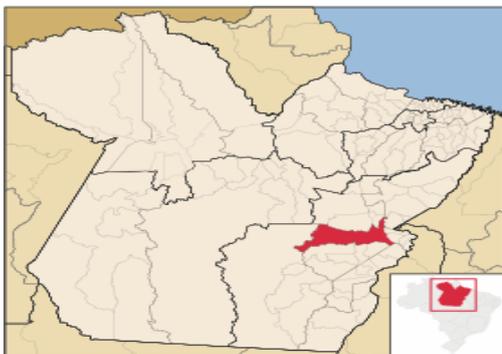
A união dos órgãos FETAGRI e STTR foi de grande relevância para o acontecimento das manifestações, pois foram a foi encontrada de pressionar o INCRA para terem direitos aos créditos, financiamentos e títulos definitivos da terra.

No corrente ano a AABEB continua a exercer suas atividades juntos aos moradores da comunidade, tendo 80 membros credenciados, desenvolve o projeto de criação de hortas mandala em parceria como a Movimentos dos Atingidos por Barragem – MAB no qual 20 família estão sendo diretamente beneficiadas.

1.2 De Acampamento para Assentamento

Em 28 de setembro de 1999 o acampamento passar a ser oficialmente o Assentamento Boa Esperança do Burgo, quando 120 família foram assentadas em lotes como dimensões de 6 alqueire. Como pode ser visto no quadro abaixo o assentamento fica próximo do perímetro urbano do município de Marabá facilita o escoamento da produção dos agricultores do assentamento.

Foto 2 localizações do município de Marabá



Fonte: mapa google

Foto 3 localização da vila Boa Esperança do Burgo



Fonte: mapa google

Durante a fase de acampamento e assentamento e até o ano de 2004 a comunidade Boa Esperança do Burgo pertencia ao município de Itupiranga por questões geográficas e de cunho políticos a comunidade passa a fazer parte do município de Marabá. A comunidade Boa Esperança do Burgo como a maioria dos assentamentos da nossa região tem carências

de alguns serviços como saneamento básico, posto de saúde, melhores estradas, transporte entre outros.

A economia do lugar gira em torno de aposentadoria, programas do governo federal e pensionista. O comércio da vila é composto por três bares tendo apenas um mercado de secos e molhado. Os assentados possuem pequenos plantios de roças, criação de gado, hortas e para o escoamento das produções a AABEB juntamente com agricultores dos vilarejos próximos da comunidade organizam uma feira que acontece todos os domingos na beira da transamazônica na altura do km 21. Devido ao sucesso da feira a AABEB está se organizando para fornecer a merenda escolar e inicialmente será apenas para a escola Boa Esperança do Burgo.

1.3 A criação da Escola Boa Esperança do Burgo

O ponto inicial que marcou a criação da escola foi a luta dos pais ao verem a necessidade de seus filhos estudarem, pois, a maioria das crianças do acampamento Boa Esperança do Burgo havia abandonado seus estudos para acompanharem seus pais na conquista de um pedaço de terra para melhor suas vidas.

O processo de implantação da escola deu-se quando um grupo de pais se deslocou até a cidade de Itupiranga², com uma lista de nomes de crianças para que fosse iniciado as aulas no acampamento. Depois de idas e vindas à Itupiranga, o responsável pela educação no município comunicou para o grupo de pais que a condição para que se implantar uma escola naquela localidade seria os pais conseguirem um espaço para funcionamento da mesma e um educador. Somente depois do cumprimento de tal exigência a prefeitura de Itupiranga seria responsável pelo pagamento e construção da escola.

Com isso, a escola foi fundada em 13 de março de 1998. Suas condições eram precárias em termos de estrutura, pois era composta por apenas um cômodo e não existia parede; à cobertura era toda de palha e os bancos que os alunos sentavam eram trocos de pau.

² A origem da cidade de Itupiranga foi com povoamento do Lago Vermelho, fundada em 1896, por extratores de Caucho (árvore nativa da amazônica da qual se extrai um látex) oriundos de Goiás. Inicialmente Itupiranga pertencia ao município de Baião, somente em 1912 com a criação do município de Marabá passou a pertencê-lo até o dia 31 de dezembro quando se criou a Lei 62, a qual tornou Itupiranga um município, sua instalação ocorreu em 14 de julho do ano seguinte. Site Wikipédia

Foto 4: Barracão da AABEB onde também era usado como sala de aula



Fonte: Associação dos Agricultores do Boa Esperança do Burgo (1998)

A fotografia acima representa a condição do espaço onde funcionava a escola. Tal espaço foi construído pelos pais e moradores da localidade, pois além do espaço ser usado como escola era também o “barracão” de reunião dos agricultores da associação da comunidade Boa Esperança do Burgo.

Segundo Neto (2011), a escola Boa Esperança do Burgo foi fruto de luta e resistência dos moradores Antonio Carlos Gomes dos Reis, Osmarina, Francisquinho e Conceição (considerada a 1ª professora da escola):

[...] Na verdade a ideia de criar essa escola foi entre mim e a Osmarina. Na verdade, quem correu atrás mesmo foi eu e Francisquinho, mas dona Conceição que foi a professora. Nós corremos primeiro pro Marabá, como vimos que era difícil a demanda pro acampamento, pra ocupação de terra e eles num dava muita atenção, aí fizemos por Itupiranga. Aí fazemos mais três viagens e conseguimos abrir a sala de aula aqui [...] (A.C.G.R *apud* NETO, Celso José Modesto 2010, p 24).

Percebe-se que na fala do senhor A.C.G.R, o desejo de construir a escola na localidade era grande. Foi um processo de articulações com os prefeitos tanto de Marabá quanto de Itupiranga. No entanto, tal processo de parceria e negociações na construção da escola foi com a Prefeitura de Itupiranga.

Além disso, um dos motivos que acrescentou e contribuiu para a construção da escola foi o crescimento da demanda dos sujeitos que chegavam à localidade. Parentes dos moradores chegavam cada vez mais na comunidade e seus filhos precisavam estudar, por isso, surge a necessidade de se criar um espaço próprio e maior para o bom funcionamento da escola. No entanto, as condições eram poucas para comprar material para construir um novo espaço escolar, nem os representantes políticos do município se disponibilizaram a ajudar.

No ano de 2001, o barracão onde aconteciam as aulas passa por melhorias estruturais a partir dessa reforma, o ensino e a frequência dos alunos passaram a ser visíveis aos olhos

dos pais, dos moradores e das lideranças locais. Foi, então, que os moradores decidiram lutar por melhorias para escola junto à prefeitura de Itupiranga, tendo respostas positivas dessa vez. Os representantes políticos afirmaram que iriam construir a escola e, realmente, em janeiro de 2003 a escola ganha seu próprio prédio, estrutura construída como uma sala de aula, uma cozinha e dois banheiros.

Como pode ser vista na foto de número 5 a escola construída pelo município de Itupiranga.

Foto 05: A escola Boa Esperança do Burgo construída em 2003



Fonte: Celso J. Modesto Neto 2010

No ano 2008, os moradores têm novas conquistas com relação a escola, pois foi construída uma calçada ao redor dela, um poço de “boca larga”, uma caixa d’água, dois banheiros e as paredes foram pintadas. Tal reforma deu-se por intermédio da prefeitura de Marabá³ em parceria com a empresa Vale do Rio Doce.

Como pode ser percebido pelo quadro a escola Boa Esperança do Burgo e de pequeno porte e conseqüentemente seu número de funcionas também se torna reduzido o que não impossibilita o bom andamento da instituição educacional.

Quadro 01: Organização da escola Boa Esperança do Burgo

Cargos	Quantidade
Agente de serviços gerais	02
Agente de portaria	04
Coordenador pedagógico	00
Merendeiras	02
Professor	05
Secretario (a)	00 Observação: 01 auxiliar
Voluntários	--Observação: 04 monitores do “Mais educação”

Org. BENTES, Eliene. 2014.

³ Interessante pontuar que no ano de 2005 numa disputa política territorial entre os municípios de Itupiranga e Marabá, a escola passa a ser de responsabilidade de Marabá, meses depois a área do assentamento passa a pertencer também ao município de Marabá.

Mais de 14 anos se passaram e não houve ampliação da estrutura da escola; e para atender todos os alunos a escola usa casas alugadas da comunidade pela prefeitura de Marabá como salas de aulas, como podemos observar na imagem abaixo:

Foto 06: Turma do jardim I e II



Fonte: BENTES, Eliene, 2014.

Como podemos perceber na fotografia acima, a casa é bem espaçosa e localizada, ficando a pouco mais de 10 metros do prédio da escola. Além disso, as turmas que funcionam nestas casas são compostas por alunos de series diferentes, tais como: jardim I e II (turmas multisséries), 5º e 6º anos e os do 7º e 8º anos, também no sistema de multisseriadas no ensino fundamental menor de ensino e regula e no ensino fundamental maior a modalidade e modular.

O ensino modular se caracteriza pela concentração das atividades inerentes a cada disciplina da grade curricular por vareáveis números de dias de acordo com a carga horaria prevista para cada campo de disciplina. O sistema cumpre as exigências de cada disciplina quanto a carga horaria anual sua, é importante frisar que cada disciplina e trabalhada individualmente O ensino regular diferente do modular trabalha todas as disciplinas simultaneamente no decorrer do ano letivo.

É importante ressaltar que o ensino multisseriado nas escolas do campo é muito comum. Essa modalidade de ensinar se constituiu como uma forma predominante de oferta de ensino fundamental no meio rural na Amazônia. Os problemas, principalmente, de cunho estruturais elevam a presença do ensino multisseriado no campo, como aponta Azevedo (2010):

Precariedade de infra-estrutura física das escolas, as limitações materiais e pedagógicas, a falta de condições apropriadas para a realização do trabalho docente nessas turmas e a falta de um projeto político-pedagógico que orientasse práticas condizentes à identidade e particularidades dos que vivem, trabalham e estudam no meio rural (AZEVEDO, 2010, p. 163).

Percebe-se que essa realidade descrita por Azevedo (2010) está presente nas nossas escolas do campo. São escolas sem estrutura de funcionamento; com pouco material pedagógico; sem espaço para leitura; sem projeto político-pedagógico (quando existe o projeto político pedagógico nas escolas sempre estão em construção); não existe a participação coletiva dos sujeitos da comunidade na construção destes projetos; com pouco incentivo à organização de projetos que priorizem os saberes e as vivências dos sujeitos locais, pois a maioria dessas escolas estão atreladas ao calendário e as normas educacionais ligadas às Secretarias de Educação Municipais (SEMEDS).

Para Neto (2011), a falta de infraestrutura da Escola Boa Esperança do Burgo é um fator que contribui para que as práticas pedagógicas dos docentes sejam prejudicadas, pois “acreditamos que esses problemas (de infraestruturas) tenham significativa sobre o trabalho pedagógico desenvolvido na escola, uma vez que há necessidade de um ambiente saudável para que os estudantes possam ter um bom rendimento dentro da sala de aula” (NETO, Celso José Modesto 2011, p. 47).

Por outro lado, é importante ressaltar que a escola Boa Esperança do Burgo, desde o seu nascimento, tem como princípios pedagógicos a formação dos sujeitos articulada a um projeto de emancipação humana e valorização dos diferentes saberes no processo educativo. A escola apresenta-se como espaço de socialização de diferentes saberes, levando em conta espaços e tempos de formação dos sujeitos, bem como a escola busca vincular à realidade dos sujeitos com os conhecimentos universais.

A instituição atualmente, é uma escola polo composto pelas Escolas Municipais de ensino Fundamental Boa Esperança do Burgo e João Batista, em 2018 (dois e dezoito) foi anexado ao polo a Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Maria, juntas as escolas atendem 320 educandos.

Devido à aproximação geográfica e a quantidade de servidores, as formações e reuniões do polo acontece nas escolas Boa Esperança do Burgo e Santa Maria, alternadamente, com servidores das três escolas. Quanto ao acompanhamento administrativo e pedagógico existe um calendário para o diretor e a coordenadora, de forma que todas as escolas recebam acompanhamento.

1.4 Relação Escola/Comunidade e Comunidade/Escola

A relação escola e comunidade é importante, justamente, na construção e valorização dos diferentes saberes e espaços formativos dos sujeitos do campo. Esse diálogo entre a

escola Boa Esperança do Burgo e a comunidade sempre foi presente, pois desde o processo inicial, ainda quando era acampamento, o barracão da associação era o local onde as aulas aconteciam e, também, eram realizadas as reuniões para discussões de tudo o que estava relacionado à comunidade:

Continuamos com a mesma cultura do início do assentamento, ou seja, em casos que nós enquanto funcionários públicos não podemos estar pressionando o gestor municipal, representantes da comunidade o faz, dessa forma as tomadas de decisões são sempre tomadas depois de um diálogo entre comunidade local e comunidade escolar, seja elas ligadas à escola ou a Associação de agricultores (NETO, Celso José Modesto, entrevista concedida à Eliene Bentes no dia 22 de outubro de 2016).

A comunidade é participativa no que se refere à escola. Um dos pontos que contribui para esse diálogo é a interação que os moradores têm com a escola, pois as suas casas são alugadas pela prefeitura para funcionarem como salas de aulas, reforçando ainda mais esse contato direto com a comunidade. Além disso, alguns membros do Conselho Escolar são sujeitos da comunidade. Sendo assim, a escola não funciona sozinha, os membros da comunidade têm o total acesso a ela e fazem uso dessa liberdade de acesso.

Outro fator que estreita esse laço comunidade e escola são as atividades culturais que acontecem na escola e sempre envolvem os moradores da comunidade. O sarau literário é uma prática promovida pela escola que agrega todos da comunidade através de apresentações dos conhecimentos socializados, construindo a partir dos diálogos/aulas. Este evento acontece durante à noite e tem como convidados à comunidade na ocasião e realizada apresentações de peças teatrais, danças e declamação de poemas.

Foto 07: Noite do Sarau literário



Fonte: Celso J. Modesto Neto 2016

A festa junina é outro momento de interação entre escola e comunidade em que a comunidade é convidada a participar das brincadeiras, a vender comidas típicas e a dançar

quadrilhas. Os grupos de danças são formados não somente pelos alunos da escola, mas por pessoas da comunidade.

Foto 08: vendas de comida na festa junina



Fonte: Celso J. Modesto Neto, 2016

Dessa forma, as práticas culturais que envolvem à comunidade e à escola são importantes na construção da relação entre escola e comunidade, pois tanto a cultura quanto a educação se constroem em espaços de interação, de valorização dos saberes existentes encontrados fora da sala de aula.

Além disso, é importante pontuar que a escola Boa Esperança do Burgo procura pautar as suas concepções pedagógicas a partir das ideias freirianas voltadas para uma educação que respeite as identidades de seus sujeitos, suas histórias e religiões, tendo a sala de aula não como o único lugar que se adquire conhecimento, mas um local de sistematização de análise das aprendizagens adquiridas em outros ambientes como no trabalho, na família, na convivência social, na cultura, no lazer; num local de encontro das diferenças.

Essa busca por uma educação que tenha como base a valorização da identidade dos sujeitos é perceptiva no relato de Celso Modesto:

Direcionamos nossos projetos para produção local, cultura e meio ambiente. Nos guiamos por uma concepção de educação que devemos ter como ponto de partida os sujeitos que aqui estão, sempre buscando o diálogo, para isso nós apoiamos principalmente no pensamento de Paulo Freire, claro que sempre buscando novos conhecimentos que possam contribuir pra o melhor funcionamento da escola (NETO, Celso José Modesto em entrevista concedida à Eliene Bentes, 2014.)

É possível identificar na fala do diretor da escola, Celso José Modesto Neto, que ele tem buscado promover uma educação diferenciada, tendo pautada em alguns princípios da Educação do Campo, pois

a Licenciatura em Educação do Campo terá como ponto de partida o resgate e estudo dos elementos que compõem a memória, saberes, valores, costumes, bem como práticas sociais e produtivas dos sujeitos do campo e dos diferentes sujeitos atuantes no meio rural (PPC do curso de Licenciatura em Educação do Campo).

O curso de licenciatura em educação do campo tem dado aos sujeitos do campo a oportunidade de ter conhecimento acadêmico sem a perda de sua identidade camponesa, e fazer esse movimento de mesclagem conhecimento Universal como local buscando assim formas de crescimento intelectual sem ter percas e sim agregar saberes.

A valorização dos conhecimentos prévios dos sujeitos como ponto de partida também é uma das concepções seguida pela escola Boa Esperança do Burgo como pode ser vista na fala do Celso José Modesto Neto diretor da escola acima citada, acredito que isto se deva ao fato de sua formação e trajetória acadêmica.

Desde que chega aqui comecei a fazer parte da associação de agricultores, sempre estava em contato com a professora e os pais, pois era nossa missão lutar por direito a uma educação mais digna para as pessoas dessa comunidade, e como a professora era contratada, tínhamos um acordo que qualquer cobrança junto à SEMED deveria ser feito por membros da associação, uma vez que não corríamos o risco de perseguição política. Porém foi durante o período em que estava na universidade (UFPA) que passei a participar mais de forma pedagógica (NETO, Celso Jose Modesto entrevista concedida à Eliene Bentes).

A formação social do diretor e filho da comunidade Celso Jose Modesto Neto fez dele um educador que busca fazer a diferença na comunidade em que vive visando um trabalho que possa contribuir para o crescimento e desenvolvimento da comunidade, tendo como fruto deste trabalho sujeitos mais humanos conscientes e orgulhosos de serem camponeses.

2. OS GÊNEROS TEXTUAIS E O PROJETO *CADERNO DE RECEITA DE ERVAS MEDICINAIS DA COMUNIDADE BOA ESPERANÇA DO BURGO*

Após conhecermos sobre o lugar onde realizei a minha pesquisa, iremos agora apresentar a importância de estudar os gêneros textuais e suas relações com o projeto intitulado *Caderno de Receita de Ervas Medicinais da comunidade Boa Esperança do Burgo* desenvolvido na escola Boa Esperança do Burgo, no Assentamento Boa esperança do Burgo.

2.1 Considerações gerais sobre gênero textual

Para entendermos algumas concepções sobre gêneros textuais é necessário compreender o seu papel e a sua função social, como afirma Bazerman (2005):

Podemos chegar a uma compreensão mais profunda de gêneros se os compreendermos como *fenômenos de reconhecimento psicossocial* que são parte de processos de atividades socialmente organizadas. Gêneros são tão-somente os tipos que as pessoas reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelos outros. Gêneros são o que nós acreditamos que eles sejam. Isto é, são fatos sociais sobre os tipos de atos de fala que as pessoas podem realizar e sobre os modos como elas os realizam. Gêneros emergem nos processos sociais em que as pessoas tentam compreender uma às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos (BAZERMAN, 2005, p. 31- *Grifos do autor*)

Dados os conceitos postulados por Bazerman (2005) sobre gêneros textuais, podemos afirmar que eles tipificam muitas coisas além da forma textual. Ou seja, são parte do modo como os seres humanos dão forma às atividades sociais e, acrescentamos, às atividades culturais.

No artigo gênero textual: Definição e Funcionalidade de Luís Antônio Marcushi as teorias sobre gênero textual pode ser é correto afirmar que gêneros textuais são fenômenos históricos profundamente vinculado a vida cultural e social, que se caracterizam-se por eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos, assim como surgem podem desaparecer, o autor frisa sobre os avanços tecnológicos e conseqüentemente o surgimento de novos gêneros deixando claro que ‘não são propriamente as tecnologias e suas *per se* que originam novos gêneros e sim a intensidade dos usos dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias, e que esses novos gêneros não são inovações absolutas, quais criações *ab ovo* sem uma ancoragem em outro gênero já existentes’.

Outros aspectos a ser observando e a definição e a distinção de: tipo textual e tipo de gênero, o discurso, domínio discursivo e texto. Tipo textual são caracterizados por se apresentar como sequência linguística, sua formação e marcada por uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas}. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.

Quanto ao tipo de gênero usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros.

Segundo Marcushi o discurso é aquilo que um texto produz ao se manifestar em algum gênero textual já o domínio discursivo: a expressão domínio discursiva para designar uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Esses domínios não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos. Do ponto de vista dos domínios, falamos em discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc., já que as atividades jurídica, jornalística ou religiosa não abrangem um gênero em particular, mas dão origem a vários deles. Constituem práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que, às vezes} lhe são próprios (em certos casos exclusivos) como práticas ou rotinas comunicativas institucionalizadas. Veja-se o caso das jaculatórias, novenas e ladainhas, que são gêneros exclusivos do domínio religioso e não aparecem em outros domínios. Tome-se este exemplo de uma jaculatória que parecia extinta, mas é altamente praticada por pessoas religiosas

Para o autor os textos são acontecimentos discursivos para os quais convergem ações linguísticas sociais e cognitivas. Ou seja, é uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual. Os gêneros podem ser encontrados na forma oral ou escrita, a oralidade e marcada por um saber social comum de como empregar os gêneros, segundo Marcushin (2008) mesmo que o falante não possua um saber técnico ele é capaz de se comunicar e ser compreendido por seu interlocutor. Ele também frisar que os estudos sobre os gêneros orais ainda são escassos e recentes, fala também da necessidade de ser estudado afinal ele está ele está ligando diretamente aos conhecimentos comuns dos falantes.

Quanto a intergenericidade se caracteriza por uma situação em que um gênero assume a função de outro, já na heterogeneidade tipológicas ocorre quando há presença de mais de um tipo no texto e, geralmente, um gênero não é formado por um único tipo textual.

Essas definições são indispensáveis para a compreensão do que são gêneros textuais segundo a teoria de Luís Antônio Marcushin e suas contribuições para estudo e trabalho realizados com esta temática.

Para Bakhtin a comunicação ou a fala ocorre através dos gêneros e, muitas vezes o falante não se dá conta disto. Mediante esta afirmação entende-se que há um grande e vasto campo de gêneros orais e escrito, sendo usado de acordo com a intencionalidade comunicativa, o que define o gênero. Ele enfatiza a necessidade de o falante dominar os gêneros, pois isto lhe dá competência comunicativa em qualquer esfera. É importante ressaltar que as esferas mencionadas se caracteriza como forma de organização e distribuição dos diferentes papéis e lugares nas instituições e situações em que se produz o discurso.

Analisando a definição dos gêneros textuais pontuadas por Bakhtin (2000) entende-se que eles são caracterizados por três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional. O conteúdo temático é o assunto de que vai tratar o enunciado bem questão, a mensagem transmitida, o estilo trata-se da seleção de lexicais, fraseológicas e gramaticais da língua que o falante ou escritor levando em conta questões individuais na comunicação a construção composicional refere-se ao modo de estruturar, organizar o texto.

Quanto aos gêneros de discursos Bakhtin definir como *relativamente estáveis*, de enunciados seja ele oral ou escrito em outras palavras entende-se que para ele os gêneros sofrem mudanças porque são um produto social, sendo assim inevitável as alterações. A heterogeneidade dos gêneros possibilita duas classificações: gêneros primários aqueles originados de condições comunicativas imediatas, de situação de comunicação verbal espontânea do dia a dia como: dialogo conversas familiares, bate papo e etc. O gêneros secundário surgem em convívio cultural mais complexo com um linguagem mais rebuscada, envolvendo assuntos literários, científicos.

Outro aspecto relevante considerado por Bakhtin é em relação e a intenção comunicativa do falante, defendendo a ideia de que para escolher o gênero o qual será usado na comunicação, primeiro o falante tem clareza de sua vontade discursiva, que é determinada pela especificidade de uma esfera.

Por fim na perspectiva bakhtiniana acerca dos gêneros discursivos se caracteriza então, por relacionar a comunicação humana, que é feita através dos gêneros, a influência histórico-sociais atende a objetivos específicos das esferas sociais existente nas culturas. Para Marcuschi os gêneros textuais cumprem um papel sócio-comunicativos e sócio-discursivos nas relações sociais de comunicação e interação, pois os sujeitos os utilizam no seu cotidiano para comunicar e interagir um com os outros, como ele afirma: “os gêneros textuais operam, em certos contextos, como formas de legitimação discursivas, já que se situam numa relação sócio-histórica com fontes de produção que lhes dão sustentação muito além da justificativa individual” (MARCUSCHI, 2008, p. 29).

Da mesma forma, Antunes (2002) considera que

os gêneros textuais são histórico-culturais, isto é, sedimentam-se em momentos e em espaços da vida das comunidades; isto é, cada lugar e cada época são marcados pela predominância de certos gêneros, os quais, neste contingência, podem aflorar, permanecer, modificar-se, transmutar-se, desaparecer; na verdade, os grupos sociais é que regulam as condições do percurso que os gêneros realizam (ANTUNES, 2002, p. 69).

De fato, os gêneros circulam, afloram, modificam, transmutam e permanecem “vivos” conforme as situações culturalmente construídas pelos sujeitos que os utilizam.

E, ainda, segundo Antunes (2002):

Qualquer texto contém indicadores de suas especificidades de gênero, de maneira que a capacidade de efetivação e de identificação dos gêneros constitui parte do “conhecimento de mundo”, do conhecimento cultural das pessoas. Tais indicadores têm, assim, uma dimensão cognitiva, comunicativa e cultural, com funções sociais muito relevantes (ANTUNES, 2002, p. 70).

A maioria dos gêneros tem características de fácil reconhecimento que sinalizam a espécie de texto que são. E, frequentemente, essas características estão intimamente ligadas às funções principais ou atividades realizadas pelo gênero. Neste caso, quando pensamos em trabalhar com o projeto *Caderno de receita de ervas medicinais* também buscamos as suas características e suas funções sociais e culturais para com os sujeitos da comunidade Boa Esperança do Burgo.

2.2 O projeto *Caderno de receita de ervas medicinais da comunidade Boa Esperança do Burgo*.

Procuramos construir uma análise dos resultados do projeto *Caderno de Receitas de Ervas Medicinais*, com o intuito de trazer o gênero textual receita como elemento norteador para a nossa análise, pois

os gêneros se determinam por fatores da situação de uso dos textos. Conseqüentemente, espera-se que os falantes procurem discernir sobre a "adequação tipológica" de suas realizações textuais. Ou seja, os usuários sabem, embora intuitivamente, que as formas textuais devem adequar-se à situação interação; sabem, pois, que há um momento certo para se fazer uma acusação, um elogio, um aconselhamento, um convite, uma petição ou o momento de se contar uma piada, entre outros (ANTUNES, 2001, p. 70).

A partir deste entendimento em que os gêneros se adequam há uma situação, um saber e uma ocasião que consideramos o gênero receita como aspecto importante para este estudo. Além disso, usar diversos gêneros textuais como ferramenta para o ensino da Língua Portuguesa poderá contribuir com relação à leitura e à escrita, pois percebemos que ao trazer assuntos que envolveram o cotidiano dos alunos nos possibilitou na escolha do gênero textual receita. Assim, a escolha deste gênero para ser trabalhado em sala de aula foi realizada de acordo com a necessidade dos alunos, tendo em vista que são muitos os gêneros textuais e suas funcionalidades.

Dessa forma, começaremos com o conceito do gênero receita. A receita é um gênero textual que apresenta duas partes bem definidas – ingredientes e modo de fazer –, que podem ou não vir indicadas por títulos. A primeira parte apenas relaciona os ingredientes, estipulando as quantidades necessárias, indicadas em gramas, xícaras, colheres, pitadas, dentre outros.

No modo de fazer, os verbos se apresentam quase sempre no modo imperativo (o modo verbal que expressa ordem e conselho), pois essa parte indica passo a passo, a sequência dos procedimentos e a junção dos ingredientes a ser seguida para obter o melhor resultado da receita. Às vezes, o imperativo é substituído pelo infinitivo, como, por exemplo, “Preparar a massa: misturar com as pontas dos dedos [...]”, “Aos poucos, abrir pequenas porções da massa [...]”. Uma receita pode apresentar outras informações, como grau de dificuldade, tempo médio de preparo, rendimento, calorias etc. Pode, ainda, conter dicas para decoração ou para variações. Nesse gênero textual, costuma-se empregar uma linguagem direta, clara e objetiva, pois sua finalidade é levar o leitor ou cozinheiro a obter sucesso no preparo de prato culinário.

Além disso, o gênero receita contém algumas características específicas, tais como: contém um título; normalmente apresenta uma estrutura constituída de título, ingredientes e modo de preparo ou de fazer; no modo de fazer, os verbos geralmente são empregados no imperativo; pode conter indicação de calorias por porção, rendimento, dicas de preparo ou de como decorar e servir; a linguagem direta, clara e objetiva; emprega o padrão culto da língua.

A conceituação do gênero receita e suas particularidades se faz necessária para partirmos para o objeto de análise das ações/atividades do projeto *Caderno de Receitas de Ervas Medicinais da Comunidade Boa Esperança do Burgo*, o qual teve como objetivo central tornar o conhecimento tradicionais em uma produção escrita, pois ao realizarmos essa organização escrita de cada receita produzida pelos sujeitos da comunidade estaríamos materializando e perpetuando saberes existentes na comunidade Boa Esperança do Burgo.

Durante a minha aproximação com a comunidade pude perceber o uso de plantas medicinais para a cura das enfermidades dos moradores que tinham sempre em seus quintais algumas plantas ou ervas para tal finalidade. O uso de plantas medicinais para curar doenças é uma prática milenar, porém em meio a tanta tecnologia é algo que vem caindo no esquecimento. Muitos de nós ao rememorar a nossa infância, iremos lembrar da horta no quintal de nossas avós que tinha muitas plantas que resultavam em chá, em banho quase que milagroso e ervas para curar enfermidades.

Partindo desta observação, a participação da comunidade Boa Esperança do Burgo no desenvolvimento do projeto foi fundamental para explorar, discutir e refletir as necessidades e saberes dos sujeitos deste lugar, por isso optamos em desenvolver um trabalho que chamasse a atenção não somente dos alunos, mas de toda a comunidade, pois a ideia de que os saberes tradicionais/populares devem fazer parte do currículo escolar é fundamental para construir a interseção entre a vida cotidiana dos estudantes e os conteúdos/assuntos reconhecidos e explorados pela escola (BRANDÃO, 2003).

Desse modo, o processo de familiarização com a comunidade, com o cotidiano escolar e a pesquisa documental foram fundamentais para a construção da proposta desta nossa proposta de intervenção pedagógica, em que possibilitou o conhecimento das dificuldades existentes no assentamento e na instituição educacional.

A expectativa inicial era de estarmos fazendo parte de um projeto grandioso tanto para a escola quanto para a comunidade, tendo em vista a parceria a qual contaríamos, pois a participação da comunidade no desenvolvimento deste projeto seria indispensável. Unidos de teorias e ansiosos para colocamos em prática, pois estávamos sendo mediadores de uma prática pedagógica a qual teve como um dos seus objetivos transcender a multidisciplinariedade⁴. Na verdade, este projeto vem justamente para ajudarmos a

⁴ A multidisciplinariedade conceituada por González (2014) “é um exercício transversal da racionalidade que perpassa não só as fronteiras das disciplinas, mas também as das atividades setoriais, na produção e transmissão do conhecimento científico” (GONZÁLEZ, 2014, p. 11).

compreendemos nossas diferenças; valorizar nossa origem e saberes respeitando o outro como ser humano.

Partindo da ideia de explorar os conhecimentos tradicionais no que diz respeito ao uso de ervas medicinais com a finalidade de cura de enfermidades que começamos a execução do projeto, tendo como objetivo central identificar as práticas de medicina alternativa existente no P.A Boa Esperança do Burgo.

A primeira ação do projeto foi fazer um pequeno levantamento dos conhecimentos prévios, quanto aos seus saberes tradicionais, o que os alunos traziam consigo a partir da relação com suas famílias, igreja, vizinhos, amigos ou quaisquer outras relações. A ação seguinte era a de observar qual era a relação dos alunos com a escrita, quais suas dificuldades e facilidades. Em ambas ações a intenção era de tentar conscientizá-los da importância desses saberes que eles já tinham e de ajudá-los a tornar tais saberes em escritos.

As atividades foram desenvolvidas em uma turma multisseriada do 6º ao 7º ano, do turno da manhã, conforme o quadro abaixo:

Quadro 02: Disposição dos sujeitos que fizeram parte do projeto

Série	Sexo	Total de alunos: 11
6º ano	Masculino: 08	
	Feminino: 03	

Série	Sexo	Total de alunos: 10
7º ano	Masculino: 03	
	Feminino: 07	

Org: BENTES, Eliene. 2014.

Como pode ser visto no quadro acima nosso público alvo para o desenvolvimento do projeto era uma turma de número de alunos pequeno e multisseriada,

Os alunos envolvidos no desenvolvimento do projeto fazem parte de uma faixa etária de 13 a 17 anos tendo a exceção de uma aluna como idade de 40 anos. Esta exceção caracteriza a distorção idade série.

A distorção idade-série é a proporção de alunos com mais de 2 anos de atraso escolar. Situação bem presente nas escolas do Campo, para que isto não aconteça a criança deve ingressar no 1º ano do ensino fundamental aos 6 anos de idade, permanecendo no Ensino Fundamental até o 9º ano, com a expectativa de que conclua os estudos nesta modalidade até os 14 anos de idade.

A maioria dos alunos percorre uma longa distância até a escola, na sua maioria fazendo o percurso a pé, o que justifica o cansaço e a dispersão no início das aulas.

Segundos relatos de alunos o meio de comunicação que mais fazem uso é a televisão, e quando não estão estudando, trabalham com suas famílias, desenvolvendo atividades voltadas para o trabalho na agricultura, uma vez que o que predomina nesta área é a agricultura familiar.

2.2.1 Execução do Projeto: análise do processo e dos resultados.

A intervenção pedagógica começou após a autorização do diretor Celso José Modesto Neto responsável pela escola e, logo em seguida, pela socialização do “projeto caderno de receitas de ervas medicinais da comunidade Boa Esperança do Burgo” com o professor responsável no momento pela turma do 6º e 7º ano. A aceitação do projeto foi quase que imediata pelo educador Alcir de Medeiros Junior, professor de matemática. Ele se colocou à disposição para ajudar no que fosse necessário, concedendo espaço em parte de seu horário de aula para o desenvolvimento das atividades.

Como já mencionando o sistema de ensino vigente na escola era o modular, por este motivo o projeto foi desenvolvido como a parceria do professor de matemática, o qual participou diretamente de todas as ações realizadas, em muitos momentos usando sua disciplina como base, para auxiliar no processo de escrita da receita, por exemplo quando na receita o aluno escrevia “um punhado de folhas” o professor instigava o aluno a repensar e transformar este “punhado” em números.

No dia 05 de maio de 2014, fomos apresentados aos estudantes pelo professor regente e tivemos a oportunidade de socializar o projeto o qual seria desenvolvido naquela turma. Dessa forma, os alunos demonstraram interesses em participar do projeto, pois, por um lado, era notável que alguns queriam somente se ver livre das aulas de matemática; por outro lado, um número significativo de alunos demonstrou real interesse em participar do nosso projeto.

O levantamento dos conhecimentos prévios, no que diz respeito ao uso de plantas medicinais na cura de enfermidades, foi realizado em uma roda de conversa, pois através do diálogo e da interação, como proposta de metodológica, podemos perceber as diferenças de saberes entre os sujeitos participantes do projeto. Assim, todos puderam participar e expor seus conhecimentos, respeitando os limites e os saberes de cada um.

Dando procedimento às ações do projeto, no dia 08/05/2014 foi realizado um momento para as produções textuais dos alunos. Neste momento, foi solicitado aos educandos que formassem grupos para que escrevessem receitas com o tema “plantas medicinais”. Esse processo de escrita foi baseado nas cinco ações iniciais propostas por Geraldi (1991): a) ter o que dizer; b) ter motivos para dizer; c) ter um interlocutor; d) construir-se como locutor enquanto sujeito que diz, o que diz, para quem diz; e) escolher as estratégias para realizar o que diz, os motivos, os interlocutores e o próprio posicionamento como locutor. Assim, acreditamos que os alunos tinham possibilidades e ferramentas para a construção de um texto, sendo assim, todos os grupos conseguiram escrever mais de duas receitas, as quais foram recolhidas no final da aula.

Na aula seguinte, do 12/05/2014 as receitas produzidas pelos alunos foram devolvidas para que eles organizassem e socializassem suas produções para toda turma, um aluno, representando o seu grupo, leu a receita produzida pelo coletivo, tornando a aula dinâmica e participativa. Sabemos que numa sala de aula alguns alunos têm mais facilidades na escrita e outros na expressão oral, pensando nessas diferenças propomos esta atividade. No decorrer da ação, percebemos que algumas receitas apresentadas tinham o mesmo ingrediente principal, porém a forma de manipulação e o uso era para cura das diferentes enfermidades. Como podemos perceber nos quadros abaixo:

Quadro 03: Água de alho	Quadro 04: Chá de alho
<p style="text-align: center;">CHÁ DE ALHO</p> <p>INDICAÇÃO: Combate a verminose</p> <p>INGREDIENTES:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 3 dentes de alho. ● 1 copo de água filtrada. <p>MODO DE PREPARO Descasque o alho e corte em rodelas, em uma panela junte a água e o alho, leve ao fogo baixo por aproximadamente 5 minutos.</p> <p>MODO DE USO: Tomar o chá ainda morno durante os períodos de crises, três vezes ao dia.</p> <p>Autor: Thais Silva Souza</p>	<p style="text-align: center;">ÁGUA DE ALHO</p> <p>INDICAÇÃO: Baixar pressão arterial.</p> <p>INGREDIENTES:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 4 dentes de alho ● 1 copo de água filtrada. <p>MODO DE PREPARO: Descasque o alho e amasse, adicione junto à água e deixe por dois dias preferencialmente dentro da geladeira.</p> <p>MODO DE USO: Tomar ½ copo da água de alho pela manhã (em jejum) e a noite quando for dormir.</p> <p>Autor: Railane dos Santos Pereira</p>

Os estudantes questionavam, alegando que sua receita era a correta e que muitas pessoas de sua família já tinham feito uso de tal receita e tinha se curado. Intervimos em meio as divergências, afirmando que todas as receitas tinham sua validade, dessa forma, usamos este momento para demonstrar as variações existentes no que diz respeito às regiões de cada um e como os seus hábitos, crenças e alimentação interferiam e influenciavam diretamente em seus conhecimentos.

Dando procedimento as ações do projeto, na aula do dia 15/05/2014 foi solicitado aos alunos que fizessem uma listagem das ervas/plantas existentes na sua comunidade. Neste momento eles apontaram vários nomes que eram desconhecidos para muitos de nós que estávamos fazendo o estágio. Como podemos observar no quadro abaixo com os seguintes nomes apontados por eles:

Quadro 05: Listagem das ervas citadas pelos alunos

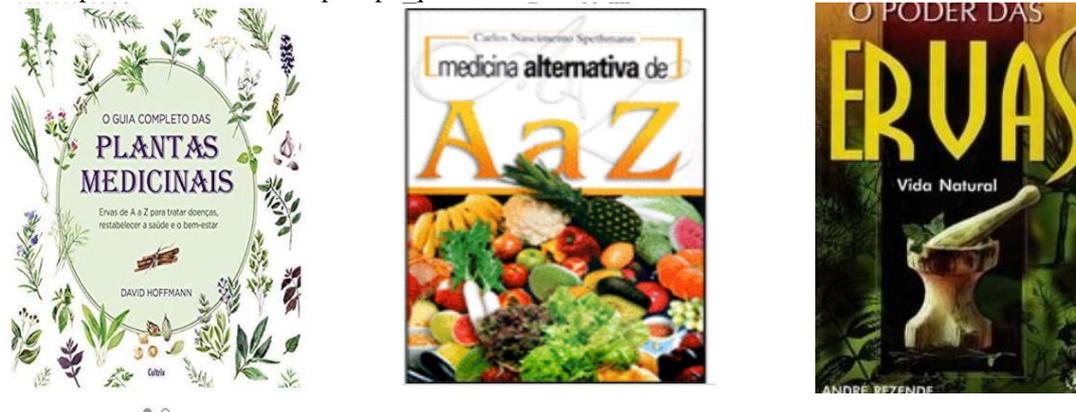
Nome da erva	Uso popular	Forma de consumo
Acerola	Anti-inflamatório	Sumo extraído da folha
Algodão	Anti-inflamatório	Sumo extraído da folha
Babosa	Anti-inflamatório e como cosmético.	Sumo extraído da folha
Capim santo	Calmante	Chá
Cidreira	Calmante	Chá
Chicória	Cólica em bebê.	Chá ou Sumo extraído da folha
Folha de laranjeira	Dor de barriga	Chá
Folha do limoeiro	Gripe e resfriado.	Chá
Folha da goiabeira	Desconforto intestinal e estomacal.	Chá
Língua de vaca	Anti-inflamatório	Sumo extraído da folha
Folha santa	Anti-inflamatório e dor de ouvido.	Sumo extraído da folha
Gervão	Anti-inflamatório	Sumo extraído da folha
Matruz	Anti-inflamatório	Sumo extraído da folha
Malva do reino	Anti-inflamatório e tosse	Sumo extraído da folha
Melhoral	Anestésio	Chá ou Sumo extraído da folha
Mulatinha	Anti-hemorrágico	Chá ou Sumo extraído da folha
Noni	Anti-inflamatório	Chá ou Sumo extraído da folha
Pião roxo	Anti-inflamatório	Chá ou Sumo extraído da folha
Romã	Anti-inflamatório	Chá ou Sumo extraído da folha e consumo da fruta.
Tetraciclina	Anti-inflamatório	Chá ou Sumo extraído da folha.
Vick	Expatorante	Chá ou Sumo extraído da folha

BENTES, Eliene, 2014.

Como podemos perceber no quadro 05, foram muitos os nomes das ervas e plantas citados pelos alunos, bem como suas finalidades de uso e quanto de conhecimento/saberes eles detinham.

Na nossa quarta aula do dia 19/05/2014 organizamos a turma em três equipes, levamos para os alunos três livros de receitas intitulado *O poder das ervas: vida natural*, de André Rezende; *O guia completo de plantas medicinais: ervas de A a Z para o tratamento de doenças, restabelecer a saúde e o bem-estar*, de David Hoffmann e *Medicina alternativa de A a Z*, de Carlos Nascimento Spethmann. A intenção nesta atividade foi que eles fizessem uma autoanálise de suas escritas e da importância de suas receitas.

Foto 9: capas dos livros levados para pesquisa em sala de aula.



Fonte: site saraiva

Além disso, tivemos o momento em que comparamos as receitas de cada aluno com àquelas do livro de receitas apontados na foto 12 acima. Propomos, também, que eles comparassem suas escritas com as dos livros e solicitamos a reescrita. No momento de revisão da escrita, os alunos tiveram a oportunidade de perceber como eles escreveram suas receitas; como poderiam reescrever alguns fragmentos ou frases de outras maneiras; como poderiam analisar criticamente seu próprio texto; fazer correções ortográficas de concordância. A revisão textual contribui para que os alunos percebessem a estrutura de seu texto, considerando os aspectos relativos quanto ao nível de informação que cada texto necessitava.

Durante este processo, alguns alunos questionaram essa reescrita, pois muitos deles não sabiam escrever conforme às normas padrão. Assim, com muito cuidado de não prejudicar ou desestimular aquele aluno que como muito esforço conseguiu pôr suas palavras e ideias no papel, orientamos a seguir sua escrita conforme as que estavam dispostas no livro de receita e eles fizeram o que tínhamos proposto. Na finalização da aula, percebemos que muitos dos alunos tinham corrigido as suas receitas no que diz respeito às suas escritas e reestruturando-as da mesma forma daquelas expostas no livro.

No dia 22/05/104 a ação do projeto partir da dificuldade, dos aluno sobre a escrita conforme a norma padrão, abordar alguns assuntos, tais como: correção ortográfica, coesão

e coerência. Para isso, levamos para sala de aula o dicionário intitulado *Dicionário escolar da Língua Portuguesa*, de Aurélio Júnior, que são distribuídos nas escolas, no intuito de ampliar os vocabulários dos alunos para a reescrita das receitas.

Mais uma vez, as receitas foram devolvidas para os estudantes, no entanto, organizamos uma dinâmica em que pedimos para cada aluno trocar com o colega a sua receita. Após a troca, os educandos foram orientados a fazer a correção das receitas de seu colega. Em seguida, eles deveriam desfazer as trocas e em posse de suas receitas, já corrigidas pelo colega, observassem a estrutura do gênero textual receita.

Neste momento do projeto, escolhemos uma receita aleatória e transcrevemos no quadro para que os alunos pudessem comparar com a sua.

Quadro 06: receita modelo

Receita de bolo de chocolate	
Ingredientes:	
• 3 ovos	
• ½ copo de óleo	
• ½ Chocolate em pó 50%	
• ½ xícara de Leite	
• 3 copos de farinha de trigo	
• ½ de açúcar	
• 1 colher de chá de fermento em pó	
Modo de preparo: misture todos os ingredientes exceto o fermento bata por aproximadamente 05 minutos, acrescente o fermento, misture delicadamente a massa transfira para uma forma untada e enfarinhada e leve ao forno	
Tempo de cozimento: 35 a 40 minutos de forno	

Fonte: BENTES, Eliene,2014

Ao levamos esta receita como modelo tínhamos a intenção de deixar claro para os alunos a estrutura de uma receita, pois buscávamos estratégias que nos proporcionasse o melhor desenvolvimento das atividades. Por isso, a intencionalidade era de motivar os alunos para o processo de reescrita, pois cabe ao professor fazer funcionar esse ensino, gerenciando-o e adaptando-o às condições de seus alunos, ou seja, cabe a ele avaliar e corrigir o aprendizado dos alunos (BATISTA, 1997).

No intuito de esclarecer melhor o sentido e a importância das plantas práticas culturais e sociais, no dia 26/05/2014 foi exibido um documentário intitulado *Plantas Medicinais Brasileiras: um saber ameaçado*. Realizado pelo Centro Especializado em Plantas Tóxicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O fato de assistir tal

documentário em um data show na sala de aula deixou os alunos empolgados e atentos ao conteúdo do vídeo. Na foto de número 11 mostra os alunos em sala de aula assistindo o documentário.

Foto 10: Alunos assistindo o documentário



Fonte: TORRES, Yank, 2014

Foi notório que durante a exibição do documentário os alunos mantiveram sua atenção voltada para a tela do Datashow, pois era perceptível aos olhos que eles se viram como sujeitos detentores de saberes e perceberam que o conhecimento era valioso e não tinha o porquê de se envergonharem. Após o vídeo, foi realizada uma roda de conversa com o objetivo de fazer com que os alunos apresentassem os seus conhecimentos sobre cada planta que passou no documentário e se eles conseguiam relacionar com suas realidades. Ao final da conversa, marcamos e acertamos a atividade seguinte: uma aula de campo para a colheita das ervas, armazenamento e secagem delas.

No dia 30/05/2014, a atividade era a aula de campo, ao chegar à sala de aula os alunos estavam ansiosos para a atividade de catalogação, recolhimento das ervas e armazenamento para secagem. É importante ressaltar que a catalogação não estava no nosso projeto, mas tornou-se uma atividade imprescindível, pois o contato e a manipulação das ervas foi o momento de relacionar os conteúdos visto em sala de aula como a situação vivenciada na aula de campo. Além disso, compreendemos que tal atividade de campo é um contato direto com o ambiente fora da sala de aula, pois “os espaços fora de sala de aula despertam a mente e a capacidade de apreender, pois se caracterizam como espaço estimulante, que se bem aproveitados se classifica como um relevante cenário para a aprendizagem” (CARBONELL *apud* SOUSA et al., 2002, p. 02).

Ficamos tensos em um determinado momento do nosso projeto, pois na escola estava no processo de ampliação com a construção do barracão com a ajuda dos pais e da comunidade. Isso fez com que a escola entrasse em um clima de euforia e o nosso

planejamento era levar os alunos à campo para recolher as ervas. O medo era dos alunos se dispensarem por causa de suas ansiedades em recolher as ervas.

Mas antes de irmos à campo, orientamos os alunos, na sala de aula, de como seria a nossa atividade e pedimos para que eles observassem as ervas e que cada um trouxesse uma amostra da planta que eles conheciam e que tivesse cuidado para não colherem a mesma erva que o colega de classe. Interessante notar que a nossa preocupação do princípio foi desconstruída, pois os alunos não se dispensaram; pelo contrário, a participação foi bem significativa e empolgante.

Na foto de número 12 pode ser visto o envolvimento dos alunos na aula de campo.

Foto11: Aula de campo



Fonte: TORRES, Yank, 2014

Foto 12: armazenagem das ervas



Fonte: TORRES, Yank, 2014

Como podemos observar, os alunos na foto 14 começaram o processo de colagem das ervas nos seus cadernos; e logo em seguida houve o processo de secagem destas ervas para armazenar. A tarefa de colagem do material escolhido só foi possível após sua total secagem e cada aluno recebeu de volta seu envelope onde foi armazenado a erva. Para dar continuidade ao trabalho, foi disponibilizado papel A4 e cola para que os alunos pudessem colar as folhas e depois identificar cada planta identificada com a data e seu nome completo, bem como foi encaminhado aos alunos para que eles construíssem um pequeno texto, o qual deveria conter um breve apresentação deles e como chegaram ao conhecimento das plantas medicinais que fizeram parte da vida de cada um.

Na aula do dia 02/06/2014, os alunos trouxeram os seus textos a partir do que tinha sido solicitado a eles, sendo que alguns relataram suas experiências ou de algum membro familiar quanto ao uso de determinadas plantas medicinais, como podemos observar no texto da aluna Cleonice:

Sou Cleonice Ferreira, tenho 40 anos estudo, o 7º ano do ensino fundamental, sou filha de Manuel Moura dos Santos e de Maria Bernadinha Ferreira, os dois são analfabetos, mas sempre usaram as plantas medicinais na cura de inflamação,

dores e gripes, minha mãe melhorou de derrame usando apenas garrafada de ervas (Texto produzido pela aluna Cleonice Ferreira).

A aula Cleonice Ferreira, relata em seu texto a importância das ervas medicinais no convívio de sua família, apontando a funcionalidade e o poder medicinal de cura das plantas utilizadas no seu cotidiano: “minha mãe melhorou de derrame usando apenas garrafada de ervas” (CLEONICE, 2014). Além disso, tal aluna foi muito presente no desenvolvimento do nosso projeto, relatando várias receitas e experiências quanto ao uso de ervas. Essa interação da aluna às atividades do projeto foi perceptível aos olhos dos seus professores, pois logo após a sua participação mostrou-se bem mais participativa nas aulas.

Interessante pontuar que precisamos valorizar e reconhecer os saberes dos sujeitos locais e, também, construir momentos de interação entre professor e aluno nos espaços escolares, pois “quando os professores levam [compartilham] narrativas de suas próprias experiências para a discussão em sala de aula, elimina-se a possibilidade de atuarem como inquisidores, oniscientes e silenciosos (HOOKS, 2017, p. 35).

Ainda sobre a relação professor e aluno, Hooks (2017), afirma:

Para lecionar em comunidades diversas, precisamos mudar não só nossos paradigmas, mas também o modo como pensamos, escrevemos e falamos. A voz engajada não pode ser fixa e absoluta. Deve estar sempre em diálogo com um mundo fora dela (HOOKS, 2017, p. 22).

Desta forma, a troca de saberes de dona Cleonice com os alunos e os mediadores do projeto revela a necessidade de construir momentos de escuta do sujeito do campo nos espaços escolares. Para além deste momento de escuta, é necessário, também, que se construa um currículo escolar que agrega tais saberes locais, pois “para isso os saberes escolares têm que estar vinculados as matrizes culturais do campo, absorver a vida do campo, os saberes do campo, os novos sujeitos que o movimento do campo recria (ARROYO *apud* ALENCAR, 2015, p.53).

Além do pequeno relato, a aluna Cleonice, também, organizou uma receita que foi para o nosso produto: o caderno de receita organizado pelo bolsista do projeto.

Quadro 07: Receita do Chá de Gengibre

CHÁ DE GENGIBRE

INDICAÇÃO:

Para acalmar o estômago

INGREDIENTES:

- Uma raiz de gengibre pequena
- 01 copo de água filtrada.
- 02 colheres (de chá) de açúcar (opcional).

MODO DE PREPARO:

Amasse o gengibre, coloque-o na água já em uma panela, leve ao fogo em temperatura baixa, deixe apenas até levantar fervura e apague o fogo o açúcar e opcional.

MODO DE USO:

Beba uma xícara de chá quente duas vezes por dia.

37

AUTOR: Cleonice Ferreira

Como os demais alunos participantes, ela apresentou a receita intitulada “Chá de Gengibre”, com os seguintes elementos: indicação, ingredientes, modo de preparo e modo de uso. Na sua receita, a aluna Cleonice afirma que o chá de gengibre é bom para acalmar as dores do estômago, apontando os ingredientes, tais como: uma raiz de gengibre pequena, 01 copo de água filtrada e 02 colheres (de chá) de açúcar (opcional). Também apresentou o modo de preparo, como: primeiro, amassar o gengibre; em seguida, colocá-lo em uma panela com água e levar ao fogo em temperatura baixa até levantar a fervura. Por fim, ela demonstrou o modo de uso, como: beber uma xícara de chá quente duas vezes ao dia.

Dando continuidade ao projeto, no dia 06/06/2014 foi realizado mais uma atividade chamada *produção do lambedor*. Essa atividade iniciou-se em sala de aula, quando os alunos foram orientados a se deslocarem à campo em busca de ervas para a preparação do lambedor. O lambedor é um xarope feito artesanalmente, usado com a finalidade de curar de muitas doenças vejamos algumas: tosse, asma, gripe, bronquite, garganta inflamada.

O processo de produção se dá a partir da colheita das ervas (capim santo, hortelã, folha santa, vick, malva do reino.) a variedade das ervas é bem diversificada e varia muito de acordo com a localidade em que o sujeito está inserido, ou seja não há uma única receita desse xarope artesanal. Em seguida é feita a higienização das ervas e levada para o cozimento com água e açúcar, o prepara e finalizado quando todas as ervas estiverem devidamente cozidas e está pronto para uso. É importante enfatizar que esta receita foi trazida pelos alunos durante o desenvolvimento do projeto. A produção do lambedor era a materialização dos saberes relatados pelos alunos em sala de aula

Para a produção do lambedor os alunos fizeram a colheita das ervas na horta da escola e nas casas próximas às escolas, no retorno dos alunos ao refeitório da escola, as ervas foram higienizadas, conforme fotos abaixo:

Foto 14: Higienização das ervas



Fonte: BENTES, Eliene. 2014

Foto15: Início do preparo do lambedor



Fonte: BENTES, Eliene. 2014

Devido a cozinha ser de porte muito pequeno, optamos por apenas duas alunas que nos auxiliassem no cozimento dos ingredientes, o restante da turma voltaram para sala juntamente como o professor regente. lembramos sobre a data da apresentação do projeto para que trouxessem os pais e responsáveis no dia da culminância do projeto.

A organização da culminância foi feita por todos bolsistas e parceiros do projeto. O lambedor foi colocado em garrafas pet e selecionamos algumas mudas de ervas medicinais produzidas pelos alunos do projeto *Mais Educação*⁵. As mudas e o lambedor seriam entregues à comunidade no dia da culminância. As páginas do caderno foram impressas bem como a digitalização e a impressão das folhas das plantas catalogadas para serem entreguem à escola e aos pais de cada aluno.

No dia 20/06/2014 o qual foi marcado para a culminância do projeto, tínhamos como público os alunos os quais participaram do projeto, os pais dos mesmo e toda a comunidade escola, apresentamo-nos aos pais dos alunos, explicamos o projeto em seguida foram apresentados nos slides as ações realizadas do projeto, pois creditamos que é de fundamental importância que os alunos tenham consciência plena sobre o processo de aprendizado do qual fizeram parte, sendo capazes de perceber o que está sendo aprendido, mostra ao pais e responsáveis o podem fazer, em grupo e individualmente, para potencializar e melhorar seu desempenho em competências curriculares e em situações sociais que vão para além dos muros das escolas.

Foto 16: Devolutiva do projeto



Fonte: TORRES, Yank. 2014

⁵ O projeto caderno de receita de ervas medicinais em seu desenvolvimento teve como parceiros a comunidade escola e pais de alguns alunos, buscamos estratégias para que este fosse significativo para todos os envolvidos e para a comunidade.

Em seguida, os pais dos alunos fizeram questões sobre algo que não ficou compreendido sobre a nossa presença na escola. Esse exercício de abrir para que os pais falassem foi, justamente, para ouvir suas opiniões e impressões do desenvolvimento do nosso projeto e da nossa ação na escola. Afinal, a participação da família no processo de ensino-aprendizagem é de fundamental importância para o desenvolvimento da educação escolar dos alunos.

Fomos parabenizados pela escolha de trabalhar com algo que os alunos conhecem e por estar materializando receitas/conhecimentos que estão se perdendo com o tempo. Enquanto os pais expressavam suas opiniões, um exemplar do livro de receita e a pasta de catalogação circulava na sala entre eles e, dessa forma, vimos o orgulho de cada pai e mãe quando encontram o nome de seu filho no caderno de receita ou na pasta de catalogação.

Em seguida, o diretor da escola realizou uma fala explanando a importância de um projeto desta natureza, em que trazia de volta a importância e o valor de plantas e ervas de conhecimento populares que até então estavam sendo esquecidas pela comunidade. Além disso, no intuito de reforçar esse valor das plantas e ervas na nossa comunidade, foram distribuídos as mudas e o lambedor aos pais e servidores presentes na escola.

Fala da experiência do projeto é fala de um mergulho no conhecimento empírico, ouvir de adolescentes saberes milenares, geralmente, são passados de pai para filho, que se perpetua por gerações não de forma fidedigna e importante lembrar que estes conhecimentos na maioria das vezes são adaptados de acordo com a necessidade ou espaço geográfico.

O projeto desenvolvido possibilitou a interseção dos saberes escolares como os saberes da comunidade, resultando também em outros aprendizados, como pode ser visto no quadro abaixo:

Quadro 08: Quadro síntese

Saberes escolares	Saberes da comunidade	Outros aprendizados
<ul style="list-style-type: none"> • Produção textual • Correção ortográfica • Coesão • Coerência 	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento de diversas plantas medicinais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalho em equipe • Desenvolvimento da oralidade.

<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa de campo 	<ul style="list-style-type: none"> • Manuseio e produção de remédios a parti das ervas medicinais. • Manejo da terra para cultivo 	<ul style="list-style-type: none"> • Troca de experiencias. • Respeito a ideias contrarias.
---	---	---

A oportunidade de conhecer um pouco das matrizes culturais de cada aluno, fez com que me sentisse, mais próximo do assentamento Boa Esperança do Burgo, construir o caderno de receita senti que realmente contribuir com algo para esta comunidade.

A trajetória de estudo quanto a interseção de saberes mediada pelo diálogo entre os sujeitos envolvido no projeto, propício um aprendizado significativo, a prática educativa consegui alcançar e ultrapassar as dimensões objetivadas do projeto quando outros saberes são observados. É nessa perspectiva de uma educação que inclua, com propostas pensadas para os sujeitos do campo, a que cultive sua cultura, valores e reafirme sua identidade como sujeitos detentores de saberes que buscamos uma educação de valorização dos sujeitos e seus conhecimentos.

Nesse sentido, faz-se necessário que os(as) professores(as) possam estar sempre refletindo sobre sua prática educativa, a fim de proporcionar uma aprendizagem significativa para os(as) educandos(as), sabemos que não é uma tarefa fácil mediante a todas as dificuldade e mazelas que existe na educação, mas precisamos ter clareza de nosso papel como educadores.

Considerações finais

Tendo como ponto de partida e de chegada a nossa questão: Como o gênero textual receita pode realizar a inserção entre os saberes escolares e os saberes locais a partir dos conhecimentos dos educandos sobre as ervas medicinais da comunidade Boa Esperança do Burgo? percebemos que o nosso projeto *Caderno de Receita das Ervas Medicinais da Comunidade Boa Esperança do Burgo*, desenvolvido na Escolar Boa Esperança do Burgo, revelou a necessidade de um ensino no campo que valorize os saberes, as experiências e as histórias de vida daqueles sujeitos. Revelou, também, a necessidade de repensar um currículo que justamente traga para as escolas do/no campo tais saberes.

Isso foi possível perceber após o desenvolvimento do projeto, pois ele possibilitou o diálogo entre saberes tradicionais e o currículo escolar. Os alunos tiveram a oportunidade de se expressarem e contextualizarem seus saberes durante as ações desenvolvidas que foram: roda de conversas, relatos de suas experiências, aula de campo e, por fim, a escrita.

O percurso para o desenvolvimento do projeto foi desafiador pois, em diversos momentos nós vimos em situações em que os alunos estavam desestimulados e com dificuldade na escrita e reescrita de seus textos. Mas, também, vivemos momentos de entusiasmos quando eles perceberam seus avanços no processo de escrita do gênero textual receita. Sendo assim a prática educativa deve ser reflexiva e dialógica, o ato pedagógico e uma força de transformação social, nosso papel como educador deve ser dinâmico, criativo, atento às questões locais, mundiais e tecnológicas; não ser apenas conhecedor das concepções pedagógicas adotadas pela escola do Campo mas sim ser praticante dessas percepções.

Além disso, a escolha de estudar gêneros textuais reforçou a importância dos saberes dos sujeitos da comunidade sobre as ervas medicinais, pois “os gêneros moldam as intenções, os motivos, as expectativas, a atenção, a percepção, o afeto [...] traz para o momento local as ideias, o conhecimento (BAZERMAN, 2005, 102).

Mediante os resultados obtidos, é possível afirmar que o gênero textual receita pode contribuir de forma efetiva no ensino e aprendizagem dos alunos da escola Boa Esperança do Burgo.

Percebemos isto quando vimos a satisfação dos alunos, o desenvolvimento de sua escrita e o reconhecimento de seus saberes ao se depararem com o caderno de receita

impresso. Vimos ali a materialização da possibilidade da interseção entre saberes escolares e saberes locais em uma escola do/no campo.

REFERÊNCIA

- ALENCAR, M. F. dos S. **Princípios Pedagógicos da Educação do Campo e o Currículo da Educação de Jovens e Adultos do campo:** discurso e prática. Tese (Doutorado). Universidad Del Mar (Udelmar): Chile, 2015.
- ANTUNES, Irandé Costa. **Língua, gêneros textuais e ensino:** considerações teóricas e implicações pedagógicas. **Revista Perspectiva** (online). Florianópolis. n. 01. p. 65-76. Disponível em: <https://periódicosUFSC.br/index.php/perspectiva>. Acessado em: 18 de janeiro de 2019.
- ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma educação do campo.** Petrópolis: Vozes, 2004.
- BAZERMAN, Charles; DIONISO, Angela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss. (org.). **Gêneros Textuais, tipificações e interação.** São Paulo: Cortez, 2005.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Aula de português:** discurso e saberes escolares. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRANDÃO. C. R. **A pergunta a várias mãos:** a experiência da pesquisa no trabalho do educador. São Paulo: Cortez, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GERALDI, João Vanderley (org). **O texto na sala de aula.** 3º ed. São Paulo: Ática, 2002.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática de liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais:** constituições e práticas Sociodiscursivas
- NETO, Celso José Modesto. **Multissérie:** práticas pedagógicas frente à precariedade das salas de multisseriadas da Escola Boa Esperança do Burgo. Trabalho de conclusão de Curso. Universidade Federal do Pará, 2011.
- REGINA, Carmen Carvalho. O caderno de formação n° 32 – **O Massacre de Eldorado dos Carajás,** é uma publicação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. Gráfica e Editora Peres, 1999.
- SOUSA, Cristiane Aureliano. MEDEIROS, Monalisa Cristina Sila. SILVA, José Adailton Lima. CABRAL, Laíse Nascimento. **A aula de campo como instrumento facilitador da**

aprendizagem em Geografia no Ensino Fundamental. Revista **Educação Pública** (online). Rio de Janeiro. n. 26. s/p. Disponível em: <https://educaçãopublica.cederj.edu.br>. Acesso em: 09 de julho de 2019.

ANEXOS

PROJETO CADERNO DE RECEITA DAS ERVAS MEDICINAIS DA COMUNIDADE BOA ESPERANÇA DO BURGO.

A aproximação como a comunidade e um olhar mais atento observamos a carência de posto médico, farmácia e agentes de saúde, na comunidade e percebemos que as famílias que reside neste comunidade fazer o uso da medicina alternativa, como base estas observações e nas análise nasce projeto o projeto com o objetivo de conhecer tais práticas dessa localidade.

O processo de familiarização com a comunidade, com cotidiano escolar e a pesquisa documental foram de fundamental importância para a construção da proposta de intervenção pedagógica, essa aproximação possibilitou a conhecimento das dificuldades existente no assentamento e na instituição educacional.

Este projeto tem como objetivo geral:

- Articular os saberes empírico como os conteúdos escolares.
- Identificar as práticas de medicina alternativa existente na comunidade, tendo em vista que no P.A isso já faz parte de suas matrizes culturais.
- Induzir os sujeitos a reconhecer que seus conhecimentos sobre o uso das ervas são importantes,
- Contribuindo para que os conhecimentos empíricos não se percam diante dos avanços tecnológicos no que diz respeito a fabricação de medicamento

Objetivos específicos:

- Levar aos alunos o gênero receitas.
- Incentivar a escrita.
- Trabalhar a ortografia a coesão e coerência.

Desenvolvimento:

O desenvolvimento do projeto caderno de Receita das Ervas Medicinais da Comunidade Boa Esperança do Burgo dar-se, com o levantamento dos conhecimentos prévios no que diz respeito ao uso de plantas medicinais, construção de receitas pelos alunos, pesquisa sobre as plantas existentes no P.A, e entrevista como pais sobre o uso das plantas.

Cronograma de atividades

1º momento:

Apresentação e socialização do projeto a ser desenvolvido com a turma de 5º, 6, 7º

Roda de conversa

Formação dos GT's para construção das receitas medicinais.

2º momento:

Socialização das receitas produzida pelos alunos.

Listagem das plantas existente na comunidade.

3º momento

Revisão/correção (ortografia) das receitas.

Será usada uma dinâmica de troca entre os educandos para que eles façam a correção do outro.

4º momento:

Vídeo aula sobre o uso de plantas medicinais.

5º momento

Organização das páginas do caderno

6º momento

organização para a culminância.

7º momento

Culminância do projeto



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À
DOCÊNCIA PARA A DIVERSIDADE
PIBID DIVERSIDADE – EDITAL 066/2013**

**CADERNO DE RECEITAS DE ERVAS MEDICINAIS DA
COMUNIDADE BOA ESPERANÇA DO BURGO**





**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À
DOCÊNCIA PARA A DIVERSIDADE
PIBID DIVERSIDADE – EDITAL 066/2013**

**CADERNO DE RECEITAS DE ERVAS MEDICINAIS DA
COMUNIDADE BOA ESPERANÇA DO BURGO**

*Eliene Bentes Souza

*Leidiana da Silva Sousa

*Yank Santos Torres

A terra do Oriente

Ao Ocidente, A sabedoria do descobridor

Espalhou pelo mundo

Aroma e sabor

Perfume e glamour

nos palcos e na beleza,

que da mãe terra nasceu.

(Autor desconhecido)

A dor do atleta

A ansiedade do moço

A desesperança da alma partida: a raiz poderosa

de magia silenciosa,

deu óleo, fez chá

ALHO



Fonte: Interne

Sou Thais Silva Souza, tenho 14 anos e estudo o 5º ano do ensino fundamental, sou filha de Amiltom Alves de Souza natural do Maranhão e Maria de Jesus da Silva natural do Piauí, meus pais usavam as plantas pra fazer chás, banha e sumo, minha mãe sempre usa o

ÁGUA DE ALHO

INDICAÇÃO:

Baixar pressão arterial.

INGREDIENTES:

- 4 dentes de alho
- 1 copo de água filtrada.

MODO DE PREPARO:

Descasque o alho e amasse, adicione junto à água e deixe por dois dias preferencialmente dentro da geladeira.

MODO DE USO:

Tomar ½ copo da água de alho pela manhã (em jejum) e a noite quando for dormir.

Autor: Railane dos Santos Pereira

CHÁ DE ALHO

INDICAÇÃO:

Combate a verminose

INGREDIENTES:

- 3 dentes de alho.
- 1 copo de água filtrada.

MODO DE PREPARO

Descasque o alho e corte em rodela, em uma panela junte a água e o alho, leve ao fogo baixo por aproximadamente 5 minutos.

MODO DE USO:

Tomar o chá ainda morno durante os períodos de crises, três vezes ao dia.

AUTOR: Thais Silva Souza

ROMÃ



Fonte: Internet

Sou Paulo Ricardo da Silva de Souza tenho 12 anos de idade, estudo o 7º ano do ensino fundamental, sou filho de Jose Domingos Lima de Sousa nascido em Fortaleza dos Nogueiras MA e de Terezinha da Silva do Nascimento Natural de Marabá PA. Meus pais falam que desde que eram pequenos viam meus avós utilizar as plantas medicinais para curar feridas e sarar doenças como tosse e dor de garganta

ÁGUA DA CASCA ROMÃ

INDICAÇÃO:

Faringite e dor de garganta.

INGREDIENTES:

- Casca de 5 romãs
- 1 litro de água filtrada.

MODO DE PREPARO:

Higienize as romãs, tire às sementes e coloque as cascas na água já reservada anteriormente em um recipiente, deixe descansar por um dia e estará pronta para o uso.

MODO DE USO:

Fazer gargarejo 04 vezes ao dia ou sempre que necessário.

AUTOR: Thalia Silva Souza

CHÁ DA FOLHA DA ROMÃ

INDICAÇÃO:

Tratamento de glaucoma, catarata e conjuntivite.

INGREDIENTES:

- 08 galhos de romã
- 02 litros de água filtrada.

MODO DE PREPARO:

Higienize as folhas da romã retirando-as dos galhos, coloque às na água já reservada anteriormente em uma panela e leve ao fogo baixo, deixe apenas até levantar fervura, em seguida apague o fogo.

MODO DE USO:

Fazer a higienização dos olhos pela manhã e a noite, ou sempre que necessário.

GENGIBRE



Fonte: Internet

Sou Thalia Silva Souza, tenho 17 anos estudo o 7º ano do ensino fundamental na escola Boa Esperança do Burgo, filha de Maria de Jesus da Silva e de Amilton Alves da Silva, meu pai é do estado do Maranhão e minha mãe do Piauí. As plantas medicinais são muito boas

CHÁ DE GENGIBRE

INDICAÇÃO:

Desconforto no estômago, dor de garganta, cólicas menstruais.

INGREDIENTES:

- Uma raiz de gengibre pequena
- 01 copo de água filtrada.
- 02 colheres (de chá) de açúcar (opcional).

MODO DE PREPARO:

Descasque e fatie o gengibre, coloque-o na água já reservada anteriormente em uma panela, leve ao fogo em temperatura baixa, deixe apenas até levantar fervura e apague o fogo.

MODO DE USO:

No tratamento do desconforto estomacal o chá deverá ser consumido após o almoço e o jantar.

No tratamento da dor de garganta e da cólica menstrual o chá deverá ser ingerido sempre que necessário preferencialmente morno.

CHÁ DE GENGIBRE

INDICAÇÃO:

Para acalmar o estômago

INGREDIENTES:

- Uma raiz de gengibre pequena
- 01 copo de água filtrada.
- 02 colheres (de chá) de açúcar (opcional).

MODO DE PREPARO:

Amasse o gengibre, coloque-o na água já em uma panela, leve ao fogo em temperatura baixa, deixe apenas até levantar fervura e apague o fogo o açúcar e opcional.

MODO DE USO:

Beba uma xícara de chá quente duas vezes por dia.

AUTOR: Cleonice Ferreira

ABÓBORA



Fonte: Internet

Sou Cleonice Ferreira, tenho 40 anos estudo, o 7º ano do ensino fundamental, sou filha de Manuel Moura dos Santos e de Maria Bernadina Ferreira, os dois são analfabetos, mas sempre usaram as plantas medicinais na cura de inflamação, dores e gripes, minha mãe melhorou de derrame usando apenas garrafada de ervas.

FLOR DA ABÓBORA

INDICAÇÃO:

Dor de ouvido.

INGREDIENTES:

- 02 flores de abóbora
- 04 colheres de sopa de água filtrada

MODO DE PREPARO:

Higienize as flores da abóbora junto a água em um recipiente e comece a amassar com o objetivo de extrair um líquido da flor.

MODO DE USO:

O sumo extraído da flor da abóbora devera ser depositado diretamente no ouvido três vezes ao dia.

SEMENTES DA ABÓBORA TORRADA

INDICAÇÃO:

Combater os vermes.

INGREDIENTES:

- Sementes de uma abóbora (média).

MODO DE PREPARO:

Higienize as sementes da abóbora coloque-as em uma panela e leve ao fogo médio, mexendo sempre, até que todas as sementes estejam torrada.

MODO DE USO:

Ingerir uma porção das sementes pela manhã, em jejum.

Folha de manga, capim santo e raiz de picão



Fonte: L. da S.S.

Olá, sou Samara Lopes Barbosa, moro e estudo no assentamento Boa Esperança do Burgo o meu pai é o pasto daqui e minha mãe trabalha na escola é de costume minha mãe fazer banhos de folhas quando estamos com gripe eu e meus irmãos.

Banho

INDICAÇÃO:

Banho pra gripe.

INGREDIENTES:

- 10 folhas de manga amarela.
- 1 litro de água.
- 300 gm de capim santo.
- 03 raízes de picão.

MODO DE PREPARO:

Lavar as folhas o capim e a raiz bem coloquem para ferver desligue o fogo deixe esfriar. Está pronto para lavar a cabeça

Autor: Eliana Gomes Ferreira